

ACM cobra mais "sensibilidade" social de Malan

ESTADO DE SÃO PAULO

10 AGO 1999

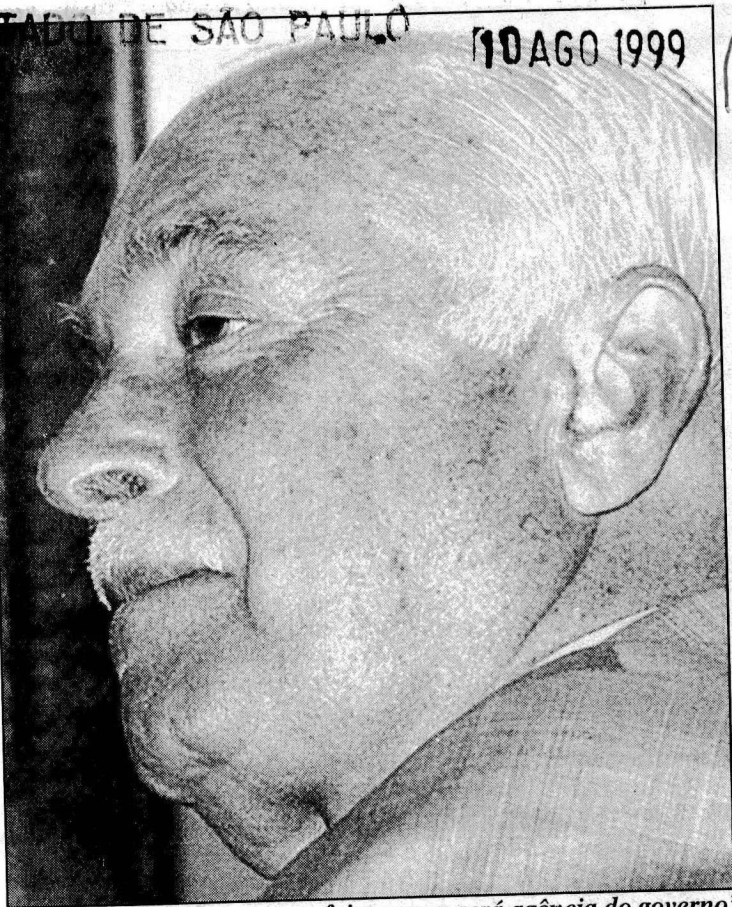
Ele ressalta que o tem apoiado em várias ocasiões e o considera "um homem de valor"

ROSA COSTA

BRASÍLIA – O presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), cobrou ontem da área econômica do governo, mais especificamente do ministro da Fazenda, Pedro Malan, mais "sensibilidade" para o problema da pobreza no País. "Ele precisa ter mais sensibilidade com a área social", disse o senador. "Não só ele, como a área econômica no seu total." ACM lembrou que tem apoiado o ministro em ocasiões difíceis e ressaltou que "ele é um homem de valor". Disse que apoiou a decisão do governo de adiar o envio ao Congresso da proposta de emenda constitucional definindo a idade mínima para aposentadoria dos contribuintes do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), rejeitada na Câmara, na votação da reforma da Previdência.

Ao contrário de líderes do PMDB e do PFL, que consideram abaladas as relações do governo com o Congresso, ACM disse que nunca endossou essa posição, apesar de a imprensa insistir em apontar eventuais e supostos distanciamentos entre ele e o presidente Fernando Henrique Cardoso. "Quando estou próximo do presidente, então dizem que eu quero mandar no presidente ou que eu mando no presidente", alegou. "Quando eu fico discretamen-

SENADOR
NEGA
DISTÂNCIA
DE FHC



ACM: 'O Congresso nunca foi e nunca será agência do governo'

te afastado do presidente, você afirmam que eu estou brigado com o presidente." ACM disse que ficou surpreso com a reclamação dos aliados governistas, porque ele mesmo nunca reclamou "de coisa alguma".

Para ele, Fernando Henrique já tentou reaproximação com sua base política, ao decidir – na reunião que teve sábado com os ministros e líderes – que não mais enviará propostas fechadas para serem votadas

e, sim, na forma de questões pontuais a serem debatidas pelos parlamentares. "Assim, fica mais fácil a aprovação", previu. "E, aos poucos, o presidente vai conseguindo o que quer." Sobre a possibilidade de o governo encaminhar matérias impopulares, ACM disse que a posição do

Congresso será aquela que, na sua opinião, tem se tornado uma prática: "Se a medida for impopular, mas indispensável ao Brasil, não tem porque o Congresso não votar", defendeu. "Se a medida for impopular e não for necessária ao Brasil, não tem porque o Congresso votar."

O presidente do Congresso disse que está disposto a conversar com o presidente Fernando Henrique "dentro do espírito do poder para poder, mas sobretudo no espírito de amizade que nós temos". "Ainda hoje, li numa revista que foi dona Ruth quem fez minhas pazes com ele", comentou, ao rebater mais uma vez que tenha distanciado-se do presidente. Ele voltou a defender a autonomia do Congresso. "O Congresso tem votado com muita independência", insistiu. "Nunca foi e nunca será agência do governo, seja de Fernando Henrique Cardoso ou de qualquer outro."